

MÚSICA NA COMUNIDADE: PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO MUSICAL NA COMUNIDADE DO TUJAL, EM VIGIA-PA

Gláuber Santos de Jesus
UEPA
glauber.edsantos@gmail.com

Carlos Augusto Pinheiro Souto
UEPA
augusto.anasouto@gmail.com

Resumo: Este trabalho é um relato de experiência sobre o projeto de extensão, intitulado “Música na Comunidade”, desenvolvido com alunos de uma escola da rede municipal na cidade de Vigia de Nazaré-PA, os quais residem em um bairro com alto índice de violência e criminalidade. O objetivo desta pesquisa é descrever os obstáculos no exercício da Educação Musical em comunidades de vulnerabilidade social. Quanto às aulas ministradas, contou-se com a participação de crianças e adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 09 e 14 anos, matriculados nas turmas do 4º e 5º do Ensino Fundamental, durante o período de 10 meses. A partir das vivências e dos estudos de Cordeiro (2016), Salles (1985), Sekeff (2007), Gaulke (2013) e Souto (2013) foi possível estabelecer reflexões acerca do ensino-aprendizagem de Música.

Palavras-chave: Educação musical, Música na comunidade, Vulnerabilidade Social.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, caracterizada como relato de experiência, apresentará uma breve discussão a respeito das vivências enquanto educador musical, ainda em formação, a partir da participação no projeto intitulado “Música na Comunidade”, criado por meio do Programa de Monitoria, da Universidade do Estado do Pará. Dessa maneira, o presente trabalho objetiva descrever os desafios no exercício da docência em Música em comunidades socialmente vulneráveis, as quais perpassam por diversas problemáticas, dentre elas: as dificuldades de participação nas aulas por conta da relação professor-aluno e a situação econômica que os estudantes se encontram, a qual acaba interferindo diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

A experiência foi vivenciada em turmas do 4º e 5º ano de uma escola da rede municipal da cidade de Vigia, localizada no interior do Estado do Pará, durante o período de 10 meses. A instituição faz parte de uma comunidade carente, com alto índice de violência e distante do centro do município, sendo estes fatores preponderantes na escolha do ambiente escolar a sediar o projeto, de maneira que a Educação Musical pudesse atingir os alunos para mostrar-lhes novas perspectivas de vida.

As atividades em classe aconteciam duas vezes por semana, sendo abordada tanto a prática, com a utilização da flauta doce, quanto a teoria musical, partindo da leitura dos códigos musicais. As aulas iniciavam com dinâmicas relacionadas com os conteúdos cujo intuito era promover a interação entre os alunos para poder desenvolver a parte prática e/ou teórica.

Primeiramente, este trabalho iniciará com uma breve contextualização histórica do município de Vigia e de suas bandas musicais, uma vez que são fatores relevantes para a criação do projeto “Música na comunidade”, o qual será explorado posteriormente, junto aos seus objetivos e o seu desenvolvimento. Por fim, haverá as considerações obtidas a partir da experiência adquirida.

2 CONTEXTO HISTORICO DA MÚSICA NA CIDADE DE VIGIA-PA

A cidade de Vigia de Nazaré, localizada no Nordeste Paraense, há 101 km da capital Belém, no Estado do Pará, foi fundada em 10 de outubro de 1652 pelo fidalgo português, Jorge Gomes Alamo e é conhecida por dois principais motivos: a Música de Banda e a Pesca (CORDEIRO, 2016, p. 11). O município é um dos mais antigos do Estado, com mais de 400 anos de história que, embora o longo período, ainda tem a pesca como o sustento de várias famílias vigienses, mesmo com a ascensão da pesca industrial.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a pesca e a banda de música andaram em conjunto no passado, pois as bandas – diferente do que é visto atualmente – marchavam com clarinetistas, trombonistas, trompetistas e outros músicos que tiravam sustento da atividade pesqueira (CORDEIRO, 2016, p. 11). Por outro lado, os pescadores locais por muito tempo,

fomentaram a atividade musical, pois eram responsáveis por diversos festejos que contavam com a presença dos clubes musicais.

Dessa maneira, além da cidade ser uma forte exportadora do pescado, acabou se tornando pioneira na exportação de músicos para a capital paraense e para outras cidades do país. Esse deslocamento se dá pelo empenho e grande talento que os músicos do município possuem, por isso, partem em busca de novas oportunidades, passando a residir na capital Belém, onde são convidados a tocar em bandas que se apresentam por todo país ou, em outros casos, ingressam na carreira militar, por meio de concursos.

O contato dos habitantes da região com a música se deu a partir de um longo processo, o qual envolveu diversas áreas: a religião, a economia, a educação, entre outras. Nesse sentido, desde quando surgiram as intituladas “bandas de música” no município, elas já vieram entrelaçadas com alguns setores da economia local, principalmente com a pesca. Conforme Cordeiro (2016, p. 8):

A cultura musical de Vigia [...] se relaciona com a pesca e com outros setores da economia, pois no passado alguns patrões de pesca contribuía com os seus apoios financeiros com essas bandas de Vigia; muitos por ter a finidade com esse elemento cultural. Esse elemento chega a criar um vínculo afetivo de grande parte da sociedade vigiense com a música de banda.

Antes mesmo do vínculo com as bandas, no momento de colonização, quando os jesuítas chegaram até Vigia, com o intuito de catequisar os Índios Tupinambás, utilizaram como base a música para uma melhor assimilação do conhecimento repassado. Assim:

O interesse dos Jesuítas pela música e pelo seu ensino está relacionado principalmente em sua legislação interna, [...] ‘nas escolas de ler e escrever das aldeias, havendo número bastante, ensine-se também a contar e a tanger um instrumento’. (SALLES, 2016, p. 19 *apud*, CORDEIRO, 1985)

Dessa forma, os índios aprendiam ao mesmo tempo em que tinham contato com a música. Outro ponto levantado por Cordeiro (2016) é a presença de alguns instrumentos utilizados nas missas e festejos da cidade, tornando a música um elemento ainda mais próximo da cultura religiosa da cidade.

De acordo com o inventário dos jesuítas em Vigia, achava-se presente entre os bens um instrumento muito utilizado na Igreja Matriz, seja nos momentos de missas ou festas religiosas, 'um órgão pequeno de canas'. Mostrando com isso, que a música e o canto faziam parte da catequese em terras vigienses (CORDEIRO, 2016, p. 22)

Isto é, os jesuítas partiam da manipulação de materiais do cotidiano indígena para produzir instrumentos musicais, com o objetivo de familiarizá-los, pois o mesmo material era manuseado em suas tarefas. Para mais, destaca-se que ao longo da história da cidade, houve um grande avanço da musicalidade, devido o advento de diversos clubes musicais, os quais alcançaram um grande número de pessoas.

2.1 o surgimento das bandas musicais

Durante a história de Vigia, várias bandas tiveram espaço, mas nem todas conseguiram se manter ativas. A primeira instituição surgiu em 1836, fundada pelo major Francisco Sérgio de Oliveira, que na época era comandante militar da cidade e distritos na época da cabanagem. Nesse contexto, o município é o primeiro do Pará a ter uma banda musical desta natureza (SALLES, 1985, p. 125).

Uma das pioneiras é a Banda *31 de Agosto*, que surgiu após o término dos trabalhos do clube de música *Sebo de Holanda*, com a presença exclusivamente de alunos brancos, e outra, denominada *7 de Setembro*, formada por adultos. Com a iniciativa do monsenhor Mâncio Caetano Ribeiro de reunir os músicos das falidas instituições, escolheram o nome *31 de Agosto* homenageando a data da adesão de Vigia à Independência do Brasil, a qual foi sugerido pelo Dr. Francisco de Moura Palha. A inauguração ocorreu no dia 26 de dezembro de 1876.

“Com o passar dos anos, novas bandas foram surgindo, como a *Euterpe Vigiense*, Club Musical *7 de Setembro* e Club Liberal *Porto-Salvense*” (CORDEIRO, 2016, p. 33). No entanto, no decorrer do tempo elas desapareceram e restou apenas a *31 de Agosto*, ainda em atividade e considerada uma das mais antigas em atuação do Estado do Pará, com mais de 140 anos de existência.

Os remanescentes das bandas extintas formaram outra, cujo nome é Clube Musical *União Vigiense*, a segunda a permanecer ativa atualmente. Embora sua fundação tenha ocorrido no dia 10 de março de 1915, se instalou efetivamente apenas em 13 de maio de 1916 (CORDEIRO, 2016. p. 57). A referida banda foi e é muito importante para a cultura do município, visto que, por anos se destacou juntamente com a *31 de Agosto* nos concursos, trazendo ainda mais visibilidade para os músicos da região.

Há também o Instituto *Art Show Vigia*, formado no dia 06 de janeiro de 2008 e atualmente nomeado de Banda de Música *Maestro Vale*, também muito benéfico para a cidade, em especial para crianças e jovens. Por anos ela veio se destacando, participando dos festivais de música que acontecem na capital do estado, mostrando o que é desenvolvido em sua escola. Fato reconhecido e premiado com a Medalha de Direitos Humanos “Paulo Frota”.

Além das instituições musicais já mencionadas, há a Banda de Música *Isidoro de Castro*, homenagem dada ao compositor vigiense que fez o dobrado “Saudades de Minha Terra”, um dos dobrados mais tocados na cidade e reconhecidos em outros estados. Ela foi instituída em 20 de janeiro de 2010 e, assim como as outras bandas musicais, também contribui efetivamente para a promoção da cultura na cidade, tendo em vista sempre a “manutenção da cultura” e a educação das crianças e jovens.

Por conta de toda essa carga musical e histórica em Vigia, o município é considerado por muitos como um local de forte produção musical no que diz respeito a excelentes músicos instrumentistas, a qual além de enriquecer as próprias bandas, contribui com o resto do estado e, conseqüentemente, para fora dele. Por esse motivo, Salles (1985, p. 130) afirma que muitos músicos vigienses se projetaram em Belém, nos Estados e até no Rio de Janeiro.

Como enfatiza Cordeiro (2016, p. 7):

A música de Banda em Vigia é algo que impressiona qualquer observador que chega ao município em algum dia festivo, seja cívico ou religioso. Vigia é um dos poucos municípios no estado do Pará que possuem cinco bandas, ou seja, cinco entidades musicais que congregam uma grande porção de jovens e adolescentes juntos com seus adultos e idosos (agora poucos).

Através de todo esse trabalho que as bandas musicais desenvolvem com as crianças e jovens do município, torna-se perceptível o papel que a arte, e nesse caso, a música, pode ter como agente transformador, no que diz respeito às perspectivas de vida que esses músicos têm, pois possibilita novas oportunidades. Do mesmo modo, tornou a musicalidade uma espécie de identidade local, por causa da amplitude atingida pela forte tradição musical.

Entretanto, o acesso a educação musical na cidade é restrito por dois principais motivos: o primeiro deles se dá por causa da localização, pois as instituições voltadas ao ensino de Música estão no centro da cidade, por isso, crianças e adolescentes que moram em áreas mais distantes encontram muita dificuldade em se deslocar até elas, a segunda razão é a questão financeira, porque nem todas as famílias podem pagar pelas aulas ou pelo instrumento necessário. Foi partindo de um novo olhar para a realidade vigiense, mais especificamente para essa problemática, que se iniciou o projeto de extensão em Vigia.

3 O CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM MÚSICA E O PROGRAMA DE MONITORIA

Devido a grande demanda de músicos mencionada anteriormente, o Curso de Licenciatura em Música foi implantado na cidade para possibilitar o acesso à graduação de maneira formal, sem que os acadêmicos precisassem se deslocar a outro município. Além disso, a iniciativa propiciou a formação de professores para atuar no próprio local, o que foi extremamente benéfico para a região. No que diz respeito ao programa de Monitoria da Universidade do Estado do Pará, tem-se como objetivo incentivar o graduando a vivenciar um pouco da prática docente, uma vez que o monitor selecionado auxiliará o professor dentro do que foi proposto em suas atividades, segundo o Artigo 8º da Resolução 2808/15 – CONSUN/UEPA, de 18/03/2015¹, além de ter contato com a Pesquisa e Extensão.

Entretanto, no curso de Música do *Campus Vigia*, o monitor fica impossibilitado de exercer o Ensino, pois a formação de turmas ocorre apenas de quatro em quatro anos. Por isso, ele não é autorizado a atuar na própria turma, de acordo com a Resolução 2808/15 –

¹ Disponível em:

<https://paginas.uepa.br/prograd/index.php?option=com_rokdownloads&view=file&task=download&id=206%3Aresolucao-2808-15&Itemid=16> Acesso em: 15 fev.2019

CONSUN/UEPA. Sendo assim, para que o aluno de monitoria não fique restrito aos eixos de Pesquisa e Extensão, são desenvolvidos projetos entre professor-orientador e discente com o intuito de desenvolver o ensino em determinada comunidade.

Nessa relação, que ocorre por meios dos projetos, o monitor desenvolve o Ensino, a Pesquisa e a Extensão, resultando no estreitamento dos laços entre a Academia e grupos sociais externos a ela, visto que não é papel da Universidade restringir os estudos desenvolvidos nela ao ambiente acadêmico, isto é, devem oferecer retorno para as comunidades.

3.1 O surgimento do projeto “Música na Comunidade”

O projeto “Música na Comunidade” iniciou no ano de 2017. No entanto, antes de ser iniciado, sofreu algumas modificações quando a coordenação do Curso de Música teve conhecimento da impossibilidade de execução do “Ensino” pelo monitor, uma vez que este não poderia atuar dentro da própria turma, por isso, encaminharam-no um projeto para ser desenvolvido, o qual foi adaptado pelo discente da época juntamente ao professor-orientador, dando ao projeto um novo público alvo: as crianças e adolescentes do bairro do Tujal.

Inicialmente o projeto seria realizado no *Campus XVII*, em Vigia, para músicos. Entretanto, foi realizado um breve estudo em relação a localização da universidade, e se constatou que geograficamente, ela está no início de uma área afastada da forte produção musical presente na cidade. Visto isso, elaborou-se uma maneira de intervir na ausência da música nessas áreas, além de buscar a aproximação do curso de Licenciatura em Música e da Universidade com as comunidades localizadas nas proximidades. (FARIA², 2017. p. 5)

A Comunidade do Tujal é considerada um bairro distante do centro da cidade, logo, apontado como um bairro periférico onde a musicalidade não é tão presente. Como enfatiza Faria³ (2017, p. 3):

² Artigo apresentado como requisito final de monitoria: FARIA FILHO, Luis Darlan Gomes. **Música na Comunidade do Tujal**: a educação musical para crianças em situação de vulnerabilidade social na periferia. Universidade do Estado do Pará, Campus XVII – Vigia PA, 2017.

³ Artigo: As contribuições da experiência de monitoria para a formação acadêmica (2017)

O Bairro do Tujal fica cerca de 750 m do *Campus XVII* da UEPA, sendo que a Escola [...] está distante por volta de 2,2 km da Universidade, ou seja, geograficamente, a comunidade fica próxima instituição universitária. Entretanto, a forte musicalidade conhecida da cidade de Vigia não consegue alcançar o bairro, pois é afastado do grande centro cultural da região. O projeto, então, busca intervir nesta realidade, levando a educação musical às crianças e adolescentes matriculados nos 4º e 5º ano.

Por esse motivo a comunidade foi escolhida o desenvolvimento do projeto, justamente para dar mais perspectivas de vida através da educação musical.

3.2 Funcionamento do projeto: objetivos e relevância social

O projeto atualmente funciona no *Campus XVII*, da Universidade do Estado Pará. As aulas ocorrem duas vezes na semana com os alunos do 4º e 5º ano de uma escola da rede municipal, com o objetivo de mostra-los uma realidade diferente da qual estão inseridos. A princípio, o intuito era musicalizar as crianças e adolescentes por meio da Flauta Doce, porém com o passar do tempo, novos instrumentos foram inseridos, como: violão, teclado e bateria. A utilização destes se deu para um melhor aproveitamento das aulas e para possibilitar os alunos o contato com outros instrumentos.

Além disso, são desenvolvidas várias outras competências, tais como: memória, concentração, socialização, percepção, coordenação, entre outras. No entanto, embora todos esses aspectos sejam importantes, é necessário destacar o papel da educação musical fora de seu enfoque performático, como enfatiza Sekeff (2007, p. 128):

[...] a vivência musical que se pretende na educação não diz respeito apenas ao exercício de obras caracterizadamente belas, assinaladamente bem-feitas, mas sim a todas as que motivem o indivíduo a romper pensamentos prefixados, induzindo-o à projeção de sentimentos, auxiliando-o no desenvolvimento e no equilíbrio de sua vida afetiva, intelectual, social, contribuindo enfim para a sua condição de ser pensante.

Ou seja, mesmo que a performance seja um aspecto importante a ser trabalhado, há pontos externos que podem ser desempenhados, de maneira a contribuir com a reflexão do aluno a sobre a vida em sociedade, como as tolerâncias, o respeito ao próximo, a

solidariedade, entre outros. Esses fatores levam a compreender que a educação musical não está voltada apenas a tocar determinado instrumento, pois segundo Sekeff:

Dessa forma, pontuar música na educação é assimilar a necessidade de sua prática nas escolas, auxiliar o educando a concretizar sentimentos em formas expressivas, favorecer a interpretação de sua posição no mundo, possibilitar a compreensão de suas vivências, conferir sentido e significado à sua condição de indivíduo e cidadão (SEKEFF, 2007, p. 130).

À vista disso, o projeto Música na Comunidade, assim como outros com objetivos similares, são de suma importância tanto para a escola quanto para as crianças e adolescentes que fazem parte dele, pois traz uma maior reflexão sobre o que a música pode oferecer para o indivíduo e o quanto ela pode ser importante na vida de uma pessoa.

4. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Entender o contexto de formação das bandas e do projeto é fundamental para compreender o ambiente que se deu a experiência de monitor, a qual, desde o princípio, soube-se que seria desafiadora, pois “a inserção na escola é um dos momentos mais difíceis da entrada na carreira docente” (GAULKE, 2013, p. 4), isto é, o primeiro contato com os alunos normalmente é o mais assustador.

No início da experiência em sala de aula por meio do Programa, a sensação era de estar desorientado, no entanto, no decorrer da vivência escolar essa situação mudou, justamente devido a prática. Como expressa Tamar Genz Gaulke (2013, p. 9):

A formação acadêmica faz parte da construção da docência, mas é na prática que o professor vai sentir e perceber como realmente é a profissão, vai sentir o cansaço, o estresse, as dúvidas, o prazer e as alegrias.

Dessa maneira, trabalhar em sala de aula, com crianças de 09 a 14 anos é algo trabalhoso, pois enquanto uns compreendem o assunto e tem maior participação na aula, outros não conseguem se quer entender o que está sendo falado (e isso acontece não somente com crianças, mas também com pessoas das mais variadas faixas etárias). Sendo

assim, para fazer com que os alunos tenham uma maior interação na aula, é necessário ganhar a confiança de cada um(a), por isso:

O professor deve mostrar-se atento as manifestações afetivas, nutrir situações emocionais que favoreçam o equilíbrio na sala de aula, ao elogiar, respeitar, demonstrar afeto, interesse pela vida do aluno, estará estimulando o envolvimento entre professor-aluno e aluno-aluno. (DOURADO, 2010. p. 16)

Ou seja, conquistar os discentes é o primeiro passo, caso contrário, a resistência por parte deles será bem maior. Dessa forma, a relação de afetividade entre professor e aluno é imprescindível. Além disso, ao assumir a posição de educador, é preciso conhecer a realidade de cada um, a qual perpassa por inúmeros fatores: a) nem todos estão ali por que gostam de ir à escola; b) muitos estão por causa da merenda, pois na sua casa eles têm no máximo duas refeições ao dia; c) se ficar em casa terá que trabalhar com o pai, entre outros. Nessa perspectiva, segundo Dourado:

é imprescindível que o professor interaja com os alunos, buscando descobrir seus motivos e compreendê-los. Assim, é preciso dar espaço para que a criança expresse seus próprios sentimentos, sem por isso ser julgada, ajudando a expressá-los de maneira social aceitável. (DOURADO, 2010. p. 14)

Em vista disso, é necessário questionar a si da seguinte maneira: dentre tantas coisas que fazem com que o aluno fique disperso da aula, como deixa-los concentrados e entusiasmados para que por um momento esqueçam um pouco de sua realidade? Como a educação musical pode contribuir para que isso venha a acontecer? Partindo disso, Sekeff (2007, p. 128) afirma que:

[..] a ferramenta musical *liberta* na medida em que, não sendo conceitual, possibilita ao educando estruturar *valores* dentro dos inúmeros expostos e propostos no universo cultural, possibilitando-lhe atribuir significação, ao mesmo tempo que estabelece um sentido para a sua existência..

Foram essas e outras perguntas que surgiram após a conversa com a diretora da escola, a qual explicou toda essa “interferência” externa que, de alguma forma, prejudica a

aprendizagem do educando. Essa experiência da prática docente foi de grande importância enquanto graduando, pois propiciou um olhar mais atento e flexível a respeito do ensino-aprendizagem.

No início das aulas com os alunos, foi perceptível que eles tiveram um pouco de resistência, principalmente pelo fato de ser o primeiro contato. Por isso, é ressaltado aqui a importância da construção da afetividade, para que o aluno possa se sentir ainda mais capaz de fazer algo proposto pelo professor, pois “quando não há essa relação entre ambos, tudo fica bem mais difícil, a não satisfação das necessidades afetivas, cognitivas e motoras prejudica ambos, e isso afeta diretamente o processo de ensino-aprendizagem” (MAHONEY; ALMEIDA, 2005. p. 13).

Nos primeiros momentos, a preocupação predominante foi os assuntos e teorias aprendidos na Academia, pois havia insegurança se elas dariam o suporte necessário. Outro pensamento era a respeito do suporte com materiais necessários para dar uma aula eficiente, o que não correspondeu às expectativas, pois se contou com o mínimo necessário para o desempenho do papel de educador musical, algo que é relativamente comum no ensino público.

Nesse sentido, Gaulke (2013, p. 8) afirma que “Os professores aprendentes sabem que as escolas têm dificuldades e limites quanto à disponibilização de espaço e de materiais, por isso querem buscar construir e consolidar a presença do ensino de música nas escolas”. Isto é, muitos fatores são importantes para que o ensino de música na educação seja proveitoso e que não se resuma apenas tocar músicas no instrumento.

De maneira geral, a prática docente direciona um olhar atento sobre o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. No caso dessa experiência, mostrou também outra realidade: a de dar aula em uma zona afastada do centro da cidade, onde a cultura musical não é tão presente, em que a pobreza e a criminalidade têm alto índice, fatores que influenciam a falta de perspectiva de vida das crianças e adolescentes.

Essa experiência adquirida em sala de aula tornou evidente que é necessário estar constantemente em busca de novos conhecimentos, métodos e técnicas, com o objetivo de tornar as aulas proveitosas, bem como contribuindo para o educando ter maior compreensão

do conteúdo compartilhado. No mais, é interessante ao professor conseguir fazer com que esses jovens possam se desligar um pouco dessa dura realidade onde estão inseridos, através das aulas de música, assim entrando no “mundo” onde a musicalidade trás o prazer de estar ali.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito ainda a ser feito pelo projeto e, conseqüentemente, pelas crianças. Atualmente, o mesmo tem um papel fundamental na educação dos alunos, a fim de que, progressivamente, possa estar trazendo e motivando os alunos a terem uma visão ampla de perspectiva de vida, isto é, perceber que através dos estudos, e nesse caso, da Música, pode-se mudar determinada realidade. Dessa forma, consolida o compromisso que a Academia tem com a comunidade escolar, mostrando como o educador musical pode contribuir de forma significativa para a formação de seus alunos.

Além desses pontos, percebeu-se a mudança de comportamento de muitas crianças, pois passaram a respeitar mais, tanto professores quanto colegas de classe, bem como suas evoluções, ao longo do tempo, tocando músicas na flauta doce e a adaptação aos novos instrumentos que foram inseridos.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Paulo. *Centenário da Banda Musical União Vigieense*. Vigia PA: Edição do Autor, 2016.

DOURADO, Adneide de Moraes. *Afetividade na Relação Professor-Aluno: a perspectiva de Henri Wallon*. Artigo – Faculdade Alfredo Nasser, Aparecida de Goiânia, 2010. Disponível em: <<http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/AFETIVIDADE%20NA%20RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO%20A%20PERSPECTIVA%20DE%20HENRI%20WALLON%20-%20Adneide%20de%20Moraes.pdf>> Acesso em: 20 mai. 2019

GAULKE, Tamar Genz. *Aprendizagem da docência: a inserção do professor de música à escola de educação básica*. Revista da Abem, Pirenópolis, p.442-452, nov. 2013. Anual.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. *Afetividade e processo de ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. Psicologia da Educação, São Paulo, 20, 1º sem. de 2005, p. 11-30.

SALLES, Vicente. *Sociedades de Euterpe: as bandas de música no Grão-Pará*. 2. Ed. Gene Gráfica editora. Brasília: Edição do Autor, 1985.

SEKEFF, Maria de Lourdes Matos. *Da música, seus usos e recursos*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2007. p. 127-143.

SOUTO, Carlos Augusto Pinheiro. *Orquestra Villa-Lobos: o impacto da competência musical no desenvolvimento sociocultural de um contexto popular*. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação – FACED, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.